

Ricardo Carlos Cordeiro, contos da existência humana



Ricardo Carlos Cordeiro é médico epidemiologista da Faculdade de Ciências Médicas (FCM) da Unicamp. Em 2015, ele entrevistou familiares, amigos, vizinhos e colegas de trabalho de todos os campineiros que morreram vítima de acidentes de trabalho. Ao todo, foram 82 mortes. O material resultante desse trabalho deu origem ao livro "Trabalho, violência e morte. Miséria da existência humana", que será publicado pela editora Hucitec, ainda em 2017. "9º Acidente do trabalho fatal" e "Inflação" são contos baseados numa história real e farão parte da publicação.

05/03/2015, sexta-feira

9º ACIDENTE DO TRABALHO FATAL

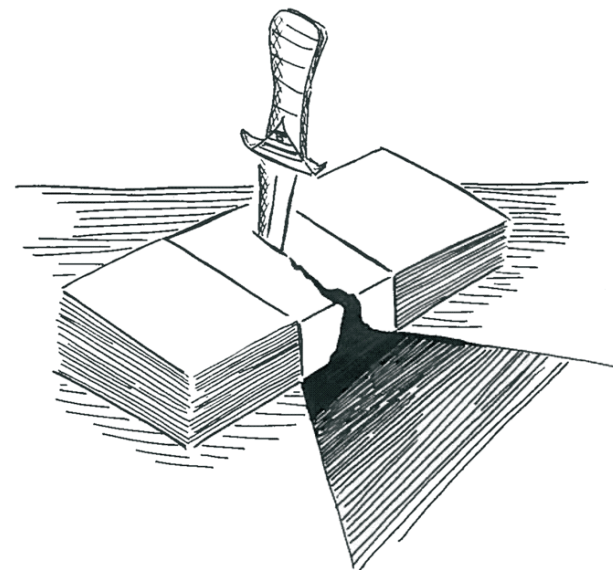
Tamara, 22 anos
parda
sem religião
ensino fundamental incompleto (5 anos)
profissional do sexo
trabalhadora informal
fumante, usuária problemática de maconha, cocaína e crack

causa básica da morte segundo o Atestado de Óbito: agressão por meio de objeto cortante ou penetrante em local não especificado

INFLAÇÃO

Tamara, 22 anos, morava com a tia e um sobrinho no São Lucas, bairro da periferia de Campinas. A casa era pequena e muito, muito colorida. Era cercada por um muro verde escuro com portão amarelo ouro, tinha duas janelas verdes claras, paredes carmin, telhado azul celeste e porta marrom com maçaneta amarela. O chão do terraço era cravejado de ladrilhos coloridos.

Tamara era prostituta. Os programas, fazia no centro da cidade. Tinha ponto fixo numa praça, perto da antiga rodoviária. Levava os clientes a um hotel nas redondezas, também frequentado por colegas de trabalho e seus clientes. Apesar de nova no ponto, Tamara tinha já uma clientela cativa. Era divertida, comunicativa, debochada, espalhafatosa mesmo. O hotel onde trabalhava tinha suas normas. Tamara parecia operária. Tinha horário e procedimentos a cumprir. Tinha posto de trabalho. Tinha roupas de trabalho. Tinha refeitório. Tinha



até patrão, que ficava com parte do que ela produzia.

Tamara dizia para a Tia que logo iria juntar dinheiro, comprar uma Van e virar perueira. Mas, por enquanto, era prostituta.

- Isso não é trabalho, retrucava a Tia.

- Como não? Tem até CBO: 5198-05 Profissional do Sexo, retrucava Tamara citando na ponta da língua toda a descrição que a Classificação Brasileira de Ocupações do Ministério do Trabalho traz para a sua atividade.

Quando muito provocada, Tamara lembrava à Tia que teve um deputado que fez uma lei para reconhecer a sua profissão, mas depois de anos de lengalengas, as Excelências não aprovaram. Dizia ainda que o Presidente Lula assinou um decreto para garantir os direitos trabalhistas e previdenciários de profissionais do sexo, e que tem esperança que seu trabalho ainda será reconhecido como muito diferente mas igual a outro qualquer.

- Seu trabalho é vender o corpo, dizia a Tia, no que ela respondia de bate-pronto:

- Alto lá! Meu corpo não está à venda. Eu vendo é fantasias!

Por conta dessa língua afiada, Tamara se tornara uma referência para suas colegas de trabalho no hotel. Apesar de seus 22 anos, dava conselhos para colegas mais velhas e apaziguava desentendimentos entre elas. Mas no último ano sua vida começou a desandar. Tamara, que já era usuária de maconha e cocaína, viciou-se em crack. De tempo em tempo não voltava para casa. Emendava uma, duas, três noites fumando e dormindo na praça até sua tia ir busca-la. Voltava um trapo, magra, abatida, suja, mal tratada. A Tia cuidava dela com carinho e muita firmeza. Ficava trancada no quarto, de onde só saía para ir ao banheiro. Nesses períodos de confinamento, a Tia alojava Brutus no terraço da casa. Brutus era o cão do vizinho, do qual Tamara morria de medo. Essa era uma tática para Tamara não pular a janela e fugir. Funcionava. Tamara passou a chamar a tia, com certo carinho, de "Carcereira".

- Ei Carcereira, traz meu café. Ei Carcereira, traz meu cigarro. Ei Carcereira, quando vai me soltar?



Assim passavam dias se amolando mutuamente, até que a Tia julgasse que Tamara estava recuperada. Recompota, Tamara voltava a trabalhar, prometendo que essa tinha sido a última vez que se envolvia em encrenca. Numa sexta-feira que prometia ser igual a qualquer outra, Tamara não voltou para casa. A Tia pensou em esperar mais alguns dias antes de ir atrás da sobrinha, mas na tarde seguinte recebeu a visita de várias colegas chorando a má notícia. Tamara morreu. Foi esfaqueada por um cliente no quarto do hotel. Colegas da praça contaram que foi um desentendimento. Um cliente antigo matou Tamara porque ela aumentou o preço do programa. O laudo do IML atestou que seu corpo tinha sinais de espancamento, além de 15 perfurações.

Se você escreve, mande seus poemas, contos ou crônicas para imprensa@fcm.unicamp.br